

Exercícios de poesia: a escrita lírica, satírica e épica

Pedro Marques (Org.)¹

RESUMO

No âmbito da unidade curricular *Poesia no Brasil – do século XVI ao XIX*, constante do Projeto Pedagógico do Curso de Letras da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), alunas e alunos foram orientados a escrever poemas. A partir da leitura e análise da poesia praticada durante o Brasil Colônia, tomando como exemplos décimas, madrigais, oitavas e sonetos, foram realizados quatro exercícios de composição visando a geração de efeitos satíricos contemporâneos. São os enunciados desses exercício bem como parte dos resultados criativos que podem ser ora lidos neste texto.

Palavras-chave: Brasil Colônia; Gênero satírico; Invenção de décimas, madrigais, oitavas e sonetos.

1. Introdução

No âmbito da unidade curricular *Poesia no Brasil – do século XVI ao XIX*, constante do Projeto Pedagógico do Curso de Letras da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), orientei, no primeiro semestre de 2022, alunos e alunas, em geral em grupos, a inventarem décimas, madrigais, oitavas e sonetos dentro de alguns parâmetros específicos. A ideia foi respeitar alguns dos diversos padrões da poética e da retoricada, praticados nas academias do tempo, mas criando inovações e até interferências contemporâneas.

No primeiro exercício, a partir da leitura e da análise da lírica e da satírica do Brasil Colônia, e de algumas lições de Francisco Rodrigues Lobo (1580-1622) e de Baltasar Gracián

¹ Professor de Literatura Brasileira da EFLCH-UNIFESP. Bacharel e Licenciado em Letras pelo IEL-Unicamp (2000). Mestre (2003) e Doutor (2007) em Teoria e História Literária pelo IEL-Unicamp. pedro.marques@unifesp.br. Número do orcid:0000-0003-4154-3645



(1601-1658), foi realizado um exercício de composição visando efeitos eruditos, engenhosos e agudos. Estudando sobretudo a técnica de Gregório de Matos e Guerra (1636-1696), mas não apenas, os discentes compuseram décimas enquanto unidades autônomas, estimulados a criarem cenas sociais divertidas dentro de um mote dramático pré-determinado, isto é, um evento de casamento.

No segundo, a partir da leitura e da análise de madrigais escritos durante o Brasil Colônia, tomando como exemplos a produção de Manuel Botelho de Oliveira (1636-1711) e de Manuel Inácio da Silva Alvarenga (1749-1814), foi realizado um exercício de composição poética buscando a típica galanteria lírica, embora com algumas doses de jocosidade. Os madrigais, assim, foram inventados respeitando mas distorcendo a norma da tensão amorosa, a dor do sujeito que, amando, convida o objeto amado ao desfrute erótico, ainda que simbolicamente.

Já na terceira proposta, o foco recaiu sobre algumas épicas do período que refletem o processo de colonização na América Portuguesa. Tomando como exemplos Bento Teixeira (1561-1600) e José Basílio da Gama (1740-1795), foi realizado um pequeno exercício de composição épica, pois que não seria possível monitorar a composição de um gênero de larga extensão em sala de aula. A ideia, portanto, foi produzir ao menos uma oitava-rima camoniana, sobrepondo uma ação belicosa do passado a uma recente e conhecida pelos alunos. Interessante observar o contentamento deles, ao conseguir fechar o ciclo de uma única oitava, estância que muitos aprenderam a admirar já desde o ensino médio, ao tomarem contato com *Os Lusíadas* (1572).

No quarto e último exercício, a partir da leitura e da análise de sonetos, mas utilizando um específico de Inácio José de Alvarenga Peixoto (1742-1792), foi realizado um exercício de composição satíricas, como paródia, ou seja, tomando um exemplo série convertê-lo em fonte de riso. O exercício de soneto, dado o desafio que sua forma de estruturar pensamento e versificação propõe, não foi o que recebeu maior engajamento dos alunos. De todo modo, o exercício ajudou com que vários deles tenham produzindo sonetos como trabalho final, nesse caso já dentro de uma proposta desenvolvida por eles próprios.



2.1. Primeiro exercício: erudição, engenho e agudeza para compor décimas

Considere a grade rítmica abaixo e escreva uma décima na seguinte situação: você está num casamento e encontra uma pessoa alta, bonita e cortês. Como galantear tal beleza com discrição e erudição? Ou, ao contrário, como constranger o interlocutor com menosprezo e erudição? Para criar um poema lírico ou satírico, teça imagens engenhosas e agudas a partir de exemplos/lições extraídos das autoridades poéticas e pictóricas abaixo. Imagine a situação passando-se hoje na Praia da Feiticeira, ponto turístico de Ilha Bela, município do estado de São Paulo, procurando por muitos noivos.

Grade métrica e rítmica da décima setessílabica:

1. _ _ _ _ _ - _ A
2. _ _ _ _ _ - _ B
3. _ _ _ _ _ - _ B
4. _ _ _ _ _ - _ A
5. _ _ _ _ _ - _ B
6. _ _ _ _ _ - _ C
7. _ _ _ _ _ - _ C
8. _ _ _ _ _ - _ D
9. _ _ _ _ _ - _ D
10. _ _ _ _ _ - _ C



2.2. Um exemplo lírico e outro satírico

[sem título]

Como és formosa amiga minha, como és formosa!

Os teus olhos são de pombas, sem falar o que o véu esconde.

Os teus cabelos são rebanhos de cabras subindo o monte de Galaade.

Os teus dentes são ovelhas tosquiadas subindo do lavadouro, todas com crias.

Os teus lábios são umas fitas de escarlate e a tua fala traz a doçura.

As tuas faces são o vermelho da romã partida, sem falar o que o véu esconde.

O teu pescoço lembra a torre de Davi, edificada para seu baluarte.

Mais de mil escudos pendem dela, as armaduras dos heróis.

Os teus seios são duas crias gêmeas da gazela que pasta entre os lírios.

(Adaptado por Pedro Marques do *Cântico dos Cânticos*, de Salomão, Bíblia Sagrada.)

ENCONTRO QUE TEVE O POETA COM UMA OUTRA DONA MUI ALTA, CORPULENTA, DE DESGRAÇADA.

Décimas

Mui alta, e mui poderosa
Rainha, e Senhora minha,
por poderosa Rainha,
Senhora por alterosa:
permiti, minha formosa,
que esta prosa envolta em verso
de um Poeta tão perverso
se consagre a vosso pé,
pois rendido à vossa fé
sou já Poeta converso.



Fui ver-vos, vim de admirar-vos,
e tanto essa luz me embaça,
que aos raios da vossa graça
me converti a adorar-vos:
servi-vos de apiedar-vos,
ídolo d'alma adorado,
de um mísero, de um coitado,
a quem só consente Amor
por galardão um rigor,
por alimento um cuidado.

Dai-me por favor primeiro
ver-vos uma hora na vida,
que pela vossa medida
virá a ser um ano inteiro:
permiti, belo luzeiro
a um coração lastimado,
que por destino, ou por fado
alcance um sinal de amor,
que sendo vosso o favor
será por força estirado.

Fodamo-nos, minha vida,
que estes são os meus intentos,
e deixemos cumprimentos,
que arto tendes de comprida:
eu sou da vossa medida,
e com proporção tão pouca
se este membro vos emboca,
creio, que a ambos nos fica
por baixo crica com crica,
por cima boca com boca.

[Gregório de Matos e Guerra]



2.3. Exemplos de imagens



Imagem 01: Paolo Veronese (1528-1588), *As Bodas de Caná* (1562-1563).



Imagem 02: Espaço para cerimonial de casamento. Praia da Feiticeira, Ilha Bela-SP.



2.4. Antologia de décimas líricas e satíricas

O FEITIÇO NA PRAIA DA FEITICEIRA

A Praia da Feiticeira,
um feitiço me laçou,
foi da dama que me olhou.
Ela, mui alta solteira,
uma torre me lembrou,
a do rei Davi grandioso
que na força foi famoso.
Por um só beijo implorei
e pelos ares fiquei
gozando o doce viçoso.

Por Allison da Silva, Jéssica dos Santos Silva e Tatiana Sayumi

UM PASSO DECISIVO

Vagando em meus pensamentos,
achei-me sem direção
olhando a bela canção,
girando a rosa dos ventos,
surgiu-me um belo varão.
Mui alto e mui portentoso,
qual novinho majestoso,
vem, primogênito meu:
Guia-me ao coração teu,
meu leve, amor deleitoso!

Por Beatriz Sandri, Geovana Marciano, Laura Ferreira e Nicole Cristina



QUEIXA-SE O POETA DA NESCIDADE DE UM BELO HOMEM.

És formoso e és bonito,
mas de lado vem tombando
de bebida, ou dependendo
do tropeço do cambito,
feito babel, derrubado,
fez beleza a feiticeira;
sendo, porém, uma toupeira,
adianta de nada a cara,
se uma pinga desmascara
só serve pra caralheira.

Por Estéfani Paixão, Fernanda Prates, Júlia de Moura e Larissa Silva

DE UM NÉSCIO QUE PRESO DE TESÃO POR UMA POLICIAL À PAISANA, ACABOU PRESO PELA ALTA DONA NUM CASÓRIO EM ILHA BELA.

Que tal tens achado a festa?
Tens le gustado a lagosta?
E este croquete com crosta?
E o som? Baita banda, esta!
Mas tudo isso, bato aposta,
prende menos que tua altura...
Peito e bunda de escultura,
és da Anitta o gabarito?
– “Dá cá tua mão, Don Juanito!
Já te algemo na viatura...”

Por Pedro Marques



BRINDE PROPOSTO PELO EX AMARGURADO DA NOIVA, TRAÍDO E TROCADO PELO NOIVO.

Proponho, para os pombinhos,
louvores para este laço,
donzela do doce passo,
ao lado deste vizinho
que acolheste no abraço.
Ah, que tu tinhas a mim,
que te amaria sem fim!
Porém, escolheste o espurco,
o agente daquele furto,
tua bela flor de jasmim.

Por Pedro Chaves e Sthefany Matsuda

3.1. Segundo exercício: inventado madrigais lírico-jocosos

Invente de um a dois madrigais amorosos e galantes, intercalando 4 heroicos e 2 hexassílabos. Imite as agudezas de Manuel Botelho de Oliveira para o rosto do(a) amado(a). Desenvolva a tópica do *carpe diem* a partir da pintura de Manuel da Costa Ataíde (1762-1830) sobre São Francisco de Assis (1181-1226) com alguns de seus símbolos: o crucifixo (martírio de Cristo), o crânio (morte), o rosário (oração), o livro (vaidade do conhecimento), a ampulheta (passagem do tempo), a rosa (brevidade da vida), o cilício e o chicote/disciplina de sete nós (penitência).



3.2. Exemplo de imagem



Imagem 03: Manuel da Costa Ataíde, *Forro da Sacristia* (1794), Capela da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, Mariana-MG.



3.3. Exemplo de madrigal

PONDERAÇÃO DO ROSTO E SOBRANCELHAS DE ANARDA

[DIDASCÁLIA]

Madrigal

[Grade rítmica, métrica e rímica]

Se as sobrelhas vejo,
Setas despedes contra o meu desejo;
Se do rosto os primores,
Em teu rosto se pintam várias cores;
Vejo, pois, para pena e para gosto
As sobrelhas arco; Íris, o rosto.

__ _ ` ` ` () A
` ` ` ` ` ` ` ` ` () A
__ ` ` ` ` () B
__ ` ` ` ` ` ` ` () B
` ` ` ` ` ` ` ` ` () C
__ ` ` ` ` ` ` ` ` () C

[Manuel Botelho de Oliveira, *Música do Parnaso*, 1705]

[Nome do pessoa, dupla ou grupo]

3.4. Antologia de madrigais entre líricos e jocosos

ÚLTIMAS MEMÓRIAS DE VIDA DE HELENA E SUAS ROSAS

As areias se vão,
mas as suas dores não.
Então, parai, Helena, o teu lamento,
pois em vão é o vosso sofrimento,
por rosa ontem colhida que murchou,
vede que a beleza lhe matou.
E me passa Helena,
moça morena plena,
e em seu rosto uma lágrima cai
e em sua brevidade tudo se vai,
agora levo comigo as suas rosas



e as memórias sempre tão dolorosas.

Minha Helena, teu lábio, doce beijo
que me escapa e num breve lampejo
tudo é osso, fosco, morto, findo
e a torpe caveira diz-lhe sorrindo:
"Bem-vinda, querida Helena ferida".

Cuido agora de tuas rosas, Helena,
co'a pura gentileza,
pois chegaste em momento
da despedida e suspirar de vento,
e como foi em teu pesar finamento,
o que sobraré será sofrimento.

Por André Luis, Carlos Gonçalves, Gabriel Rodrigues, Javier Mendez, Marco Nascimento e Thiago de Jesus

A BELEZA DA AMADA

Que formosura santa
que até os anjos encanta,
em teus olhos enxergo o afeto
ao cair das rosas, inquieto,
arde-me a pele o seu amor:
Oh, Moça bela! Oh, traz-me fervor!

Por Beatriz Sandri, Geovana Marciano, Larissa Favilla, Nicole Cristina e Victor Queiroz

PRECE QUE REFLETE A BREVIDADE DO TEMPO COM UM AMOR

Antes de terminar essa oração,
em mil pedaços jaz meu coração,
pois seca sua rosa,
esse tempo que passa no teu rosto,
que é maldição, um tão amargo gosto



a vez do mal que goza.

Por Estéfani Paixão, Fernanda Prates, Jéssica dos Santos, Júlia de Moura e Larissa Silva

PONDERAÇÃO DA TRISTEZA QUE SE TEM QUANDO NÃO SE POSSUI A PESSOA AMADA

Sempre que vejo o tejo deste olhar,
arde o meu peito só de imaginar
esse meu mal, castigo,
por chorar pelo bem que não se tem,
morte feito esperança que mantém
a vida feito amigo.

Por Estéfani Paixão, Fernanda Prates, Jéssica dos Santos, Júlia de Moura e Larissa Silva

PONDERAÇÃO SOBRE O AÇOITE DOS OLHOS DA AMADA

Quando teus olhos flecham em cheio os meus,
rogo depressa a Deus:
“Senhor, não me abandone nesta noite
de raio feito açoite;
Sinta o cheira da carne que crepita,
é meu corpo que queima da desdita”.

Ah, Tortura será teu nome, Amada?
Tu que me crava a espada,
por que não me acomodas na bainha?
Ouve esta ladainha!
Fecha os olhos e vem abrindo a rosa,
pois quem vive já morre e nunca goza.

Por Pedro Marques



REFLEXÃO SOBRE A BELEZA DA AMADA.

No livro da tua face,
eu vejo a mesma classe,
brilho de cores, pois
a peito a acelerar,
enquanto passar a vida,
serás minha, querida!

Por Juliana Barbone, Sthefany Matsuda e Yasmin Costa.

4.1. Terceiro exercício: inventando oitavas heroicas

Componha uma oitava-rima camoniana em heroicos, imitando o estilo solene de Bento Teixeira, autor do clássico *Prosopopeia* (1601). Ensine sobre a coragem de ser justo num mundo que, natural e supostamente, surge a nossos olhos como incivilizado. Nos 6 primeiros versos exponha o argumento, para nos e últimos concluir o raciocínio. Considere as imagens a seguir e pense no que escreve Tomás de Aquino (1225-1274) sobre direito e justiça:

O direito ou o justo é uma obra ajustada a outrem, segundo certo modo de igualdade. Tal realiza-se de duas maneiras: 1. em virtude da natureza da coisa. P. ex., se alguém dá tanto para receber tanto; isso se chama direito natural. 2. por convenção ou comum acordo. p. ex., quando alguém se dá por satisfeito de receber tanto. Isso pode se dar de dois modos: primeiro, por uma convenção particular, quando pessoas privadas firmam entre si um pacto; segundo, por uma convenção pública, quando o povo consente que algo esteja adequado ou proporcionado a outrem, ou assim o ordena o príncipe, que o governa e o representa. Isso se chama direito positivo. (...) O que é natural a um ser dotado de uma natureza imutável há de ser necessariamente o mesmo, sempre e em toda parte. Ora, a natureza humana é mutável. Por isso, o que é natural ao homem pode falhar algumas vezes.

[Tomás de Aquino, *Súmula Teológica*, Questão 57, Artigo 2.]



4.2. Exemplo de oitava rima

XXXV

Ó sorte tão cruel, como mudável,
Por que usurpas aos bons o seu direito?
Escolhes sempre o mais abominável,
Reprovas e abominas o perfeito;
O menos digno fazes agradável,
O agradável mais, menos aceito.
Ó frágil, inconstante, quebradiça,
Roubadora dos bens e da justiça!

[Bento Teixeira, *Prosopopeia*, 1601]

OITAVA

- ` _ _ - ` _ _ - ` () A
- ` _ _ - ` _ _ - ` () B
- ` _ _ - ` _ _ - ` () A
- ` _ _ - ` _ _ - ` () B
- ` _ _ - ` _ _ - ` () A
- - ` _ _ - ` _ _ - ` () B
- ` _ _ - ` _ _ - ` () C
- - ` _ _ - ` _ _ - ` () C

[Seu nome, da dupla ou do grupo]

4.3. Exemplo de imagens



Imagem 04: Batalha de Alcácer Quibir (1578), morte do Dom Sebastião (1554-1578), Rei de Portugal. Gravura de Hans Rogel, Augsburg (1578). Aqui, segundo a doutrina do *corpo místico*, por que não é justo D. Sebastião morrer?





Imagem 05: Em 2017, cerca de mil homens do Exército Brasileiro entraram na comunidade da Rocinha, cidade do Rio Janeiro. O objetivo era por fim à guerra entre lideranças da facção Amigos dos Amigos. É justo a população civil ser exposta às armas das forças de segurança e dos traficantes? Qual dos grupos armados está em mais comum acordo com a comunidade? Foto de Carl de Souza, *El País - Brasil*, 23set2017.

4.4. Antologia de oitavas heroicas

OITAVA

Mundo tirano, de sangue regado,
infeliz o pobre no desamparo,
pelejando contra o incivilizado
e que na crueldade e despreparo,
busca o ser justo, o ser politizado,
veste a coragem na luta co'o bárbaro.
Sublime e bravo, contra a avara sorte,
afia a vida desviando da morte.

Por Caroline Almeida



OITAVA

E na comunidade reverbera
o grito, o lamento em alto e bom som,
e da arma que colérica lidera
a fria infantaria dando o tom,
caído jaz, menino, pois correrá,
e eclode o herói de bravo amor e dom,
sob belo sol uma única voz raia:
“Que a coragem do povo não se esvaia!”

Por Estéfani Paixão, Fernanda Prates, Júlia de Moura e Larissa Silva

SANGUE BRASILEIRO

Ó, a minha alma, bravo sangue flama,
sangue magnus, brasileiro e nobre,
de lusitana e de africana chama,
dominus magni o mapa-mundi encobre.
Fadonho o inimigo, de letal fama,
no ecrã aparece teu ato pobre.
Desvelado de sorte, todo em sangue,
meu herói, teu vilão, seu sangue exangue.

Por Gabriel de Araújo

O SISTEMA

Algo grande que foi mui reduzido
a nada, pelo triste e vil destino;
Coragem de alguém justo mui sofrido,
no meio, cidadão, és clandestino,
e no sistema estéril, um banido.



Ah, se Deus acaso me ouvisse, insisto:

Liberte da injustiça nosso povo,

A qual dita coragem é transtorno!

Por Larissa Favilla, Nicole Cristina e Yasmin Karine

QUEM VIVE ESTÁ NA MIRA

Ó Guerras que atormentam o justo sono,

com que direito atacam a vida alheia?

Partindo de fuzil – que importa o dono? –

hão de achar inocentes a mão-cheia;

O tráfico e a milícia sem abono

e o tropa que também mal tiroteia.

Ó Guerras, sob a capa da justiça,

fermentam vis desejos de cobiça.

Por Pedro Marques

VIDA CASTIÇA

Uma noite de mui calma, pacífica,

aos poucos o terror tomando conta,

acontece o ataque e o povo suplica,

alguns civis a polícia confronta;

Surge uma criança e tudo complica,

justo policial aos seus defronta,

na multidão salva a vida castiça,

por sua natureza houve justiça.

Por Tatiana Sayumi



5.1. Quarto exercício: parodiando um soneto

Proponha uma resposta paródico-satírica e inventiva ao seguinte soneto de Inácio José de Alvarenga Peixoto, louvando algum tipo de feiura física ou moral, em desacordo com a ideologia da época, ou vituperando a beleza padronizada e elogiada pelas sociedade do tempo. Para tanto, considere as três seguintes fotografias de Sebastião Salgado (1944-), retratos femininos, em geral, satirizadas no tempo colonial: tipos de beleza negra, indígena e mestiça

5.2. Exemplo de soneto

Soneto

Passa-se uma hora, e passa-se outra hora
Sem perceber-se, vendo os teus cabelos,
Passam-se os dias, vendo os olhos belos
Partes do céu, onde amanhece a Aurora.
A boca vendo, aonde a graça mora,
Mimosas faces, centro dos desvelos,
Vendo o colo gentil, de donde os zelos,
Por mais que os mandem, não se vão embora.
Que tempo há de passar? gasta-se a vida
E a vida é curta, pois ligeira corre,
E passa sem que seja pressentida:
Ah, Marília, Marília, quem discorre
Nas tuas perfeições, gostosa lida,
Que alegre vive! que insensível morre!

Grade com rimas e acentos obrigatórios:

1. _ _ _ _ _ - _ _ _ - _ (A)
2. _ _ _ _ _ - _ _ _ - _ (B)
3. _ _ _ _ _ - _ _ _ - _ (B)
4. _ _ _ _ _ - _ _ _ - _ (A)
5. _ _ _ _ _ - _ _ _ - _ (A)
6. _ _ _ _ _ - _ _ _ - _ (B)
7. _ _ _ _ _ - _ _ _ - _ (B)
8. _ _ _ _ _ - _ _ _ - _ (A)
9. _ _ _ _ _ - _ _ _ - _ (C)
10. _ _ _ _ _ - _ _ _ - _ (D)
11. _ _ _ _ _ - _ _ _ - _ (C)
12. _ _ _ _ _ - _ _ _ - _ (D)
13. _ _ _ _ _ - _ _ _ - _ (C)
14. _ _ _ _ _ - _ _ _ - _ (D)

[Inácio José de Alvarenga Peixoto]

5.3. Exemplos de imagens



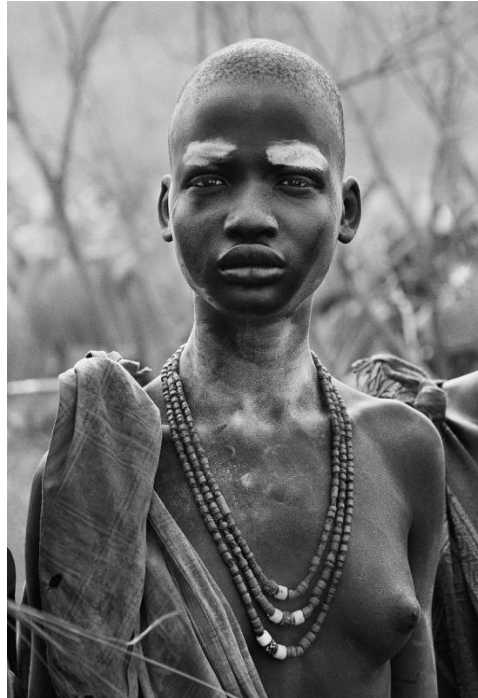


Imagem 06: Sebastião Salgado, “Mulher Dinka – Sudão”



Imagem 07: Sebastião Salgado, “Mulher Yawanawa – Estado do Acre” [2016].





Imagem 08: Sebastião Salgado, “Mulher no Terminal do Tietê – Estado de São Paulo” [1996].

5.4. Antologia de sonetos

PARA A SUPOSTA MAIS BELA LOIRA, QUE CHEGOU A POUCO, E ACHA QUE ESTÁ NO TOPO

Dona do cós vazio, outra vez vai
se gabar, mas de quê? Da pele morta
de tão pálida, tem o olhar que corta
de tanto azulado, que nem atrai?

Loira dos cachos de anjo, saia fora,
a beleza do Brasil não é qualquer,
pois vem da caiçara, vem do pajé,
beleza que desbanca toda Europa.

Se sua cara e sua cona for de igual,
com certeza não quero no meu colo,
pois tal você há muitas, afinal.

Você parece mais um protocolo,



um molde de beleza tão banal,
lá vem ela lhe causar torcicolo.

Por Marco Nascimento

DE UM JOVEM NÉSCIO QUE GANHOU RUGAS E DECORO NA VELHICE.

“Passa-se uma hora, e passa-se outra hora,
ao ver os teus cabelos, eu me espanto,
ao ver os olhos claros e, no entanto,
que lavoura de espinhas, hein, senhora!”

Então aqui a dona muda e chora,
e então, ao vê-la assim, calei meu canto,
e ao espelho corri, horrendo espanto,
pois como comparar-me àquela aurora?

Mas o tempo passou para nós dois,
deixando em cada qual a vil pisada,
a canga que só faz dos homens bois.

Um dia, sem porquê, me viu, do nada,
parecendo mais jovem, ora pois,
que minha velha culpa encarquilhada.

Por Nicole Cristina e Pedro Marques

DO ANESTESISTA TARADO POR PARTURIENTES QUE TERMINOU ENTUBADO PELA (IM)PACIENTE MADURA

“Pico uma dona e pisca uma outra cona,
sem que perceba, perde o seu cabelo,
afogado em tintura e pouco zelo,
a raiz revelando a cinquentona;

Pisca uma cona e pico uma outra dona,
mimoso buço, mil beijos de pelo,



vendo a fuça senil, que pesadelo,
na boca dela achei a buçetona.”

“Rapaz, que tal tratar da sua medida?

Se a vida é curta, pois ligeira corre,
vê se estica essa agulha mal servida;

Você, seu pau mindinho, não concorre,
não pode nem coçar a perseguida,
que ela sabe o que goza e se socorre.”

Por Pedro Marques

Referências bibliográfias

AQUINO, Tomás de. “A justiça”. In: *Suma teológica*, vol. VI. Edição bilíngue. São Paulo: Edições Loyola, 2021.

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida da Vulgata e anotada pelo Pe. Matos Soares. São Paulo: Edições Paulinas, 1964.

CARVALHO, Maria do Socorro Fernandes. “Gênero lírico e estilo mediano”. In: *Poesia de agudeza em Portugal*. São Paulo: Humanitas Editorial/Edusp/Fapesp, 2007.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. “Noções de versificação”. In: *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

GAMA, José Basílio da. *O Uruguai*. Estudo Ivan Teixeira. In: Teixeira, Ivan (Org.). *Épicos: Prosopopeia, O Uruguai, Caramuru, Vila Rica, A Confederação dos Tamoios; I-Juca-Pirama*. Estudo Marcello Moreira. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado, 2008.

GRACIÁN, Baltasar. “Agudeza e arte de engenho”. In: Souza, Roberto Acízelo de (Org.). *Do mito das musas à razão das letras: texto seminiais para os estudos literários (séc. VIII a.C. – séc. XVIII)*. Chapecó, SC: Argos, 2014.

GUERRA, Gregório de Matos e. *Poemas atribuídos: Códice Asensio-Cunha, vol. 3*. Organização João Adolfo Hansen e Marcello Moreira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

HANSEN, João Adolfo. “Ilustração católica, pastoral árcade e civilização”. In: *Oficina da Inconfidência, no. 10*. Ouro Preto, MG: Museu da Inconfidência, 1999.



HANSEN, João Adolfo (1942-). “Um nome por fazer”. In: *A sátira e o engenho: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII*. Cotia, SP/Campinas, SP: Ateliê/Editora da Unicamp, 2004.

HANSEN, João Adolfo. “Notas sobre o gênero épico”. In: Teixeira, Ivan (Org.). *Épicos: Prosopopeia, O Uruguai, Caramuru, Vila Rica, A Confederação dos Tamoios; I-Juca-Pirama*. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado, 2008.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. “O ideal arcádico”. In: *Capítulos de Literatura Colonial*. Organização Antônio Cândido. São Paulo: Brasiliense, 2000.

LOBO, Francisco Rodrigues. “O exercício das letras: estudo, prática e escritura, poesia”. In: Souza, Roberto Acízelo de (Org.). *Do mito das musas à razão das letras: texto seminais para os estudos literários (séc. VIII a.C. – séc. XVIII)*. Chapecó, SC: Argos, 2014.

MARQUES, Pedro. Alguma música na lírica do Brasil Colônia. *Texto Poético: Revista do GT Teoria do Texto Poético (ANPOLL)*, v. 21, 2o. sem. 2016.

MARQUES, Pedro. “A Quem Puder Rir: Fontes e Normas da Sátira Luso-Brasileira (Séculos XVII-XVIII)”. In: *As Letras na Terra do Brasil (Séculos XVI ao XVIII): uma introdução*. Organização Marcelo Lachat e Jean Pierre Chauvin. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2022.

OLIVEIRA, Manuel Botelho de. *Música do Parnaso. Lira sacra*. Introdução e organização Adma Muhana. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PEIXOTO, Alvarenga. *Obras poéticas de Alvarenga Peixoto*. Organização Caio Esteves de Souza. Apresentação Kenneth Maxwell. Prefácio João Adolfo Hansen. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2020.

PROENÇA, Manoel Cavalcante. *Ritmo e poesia*. Rio de Janeiro: Coleção Rex, 1955.

SILVA ALVARENGA, Manuel Inácio da. *Glaura: poemas eróticos*. Belo Horizonte: Crisálida, 2003.

TEIXEIRA, Bento. *Prosopopeia*. Estudo Marcello Moreira. In: Teixeira, Ivan (Org.). *Épicos: Prosopopeia, O Uruguai, Caramuru, Vila Rica, A Confederação dos Tamoios; I-Juca-Pirama*. Estudo Marcello Moreira. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado, 2008.

Referências iconográficas

1. Paolo Veronese (1528-1588), As Bodas de Caná (1562-1563). Gui do Louvre. Disponível em: <https://guiadolouvre.com/as-bodas-de-cana-de-veronese/> Acesso em 22/11/2022.

2. Casamento na Fazenda São Matias – Praia da Feiticeira, Ilhabela-SP. Foto divulgação Buffet Vanzetto. Disponível em: <https://www.buffetvanzetto.com.br/galeria/gdit6zfkbnr882yrq4nuw2kcg1ugin-c3msa> Acesso em 22/11/2008.

350



3. Manuel da Costa Ataíde, Forro da Sacristia (1794), Capela da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, Mariana-MG. In: CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Arte sacra no Brasil Colonial*. Belo Horizonte: C/ Arte, 2011.
4. Batalha de Alcácer Quibir (1578), morte do Dom Sebastião (1554-1578), Rei de Portugal. Gravura em madeira de Hans Rogel, Augsburg (1578), Biblioteca Central de Zurique. In: PAULA, Frederico Mendes. *Histórias de Portugal em Marrocos*. Disponível em: <https://historiasdeportugalemarrocos.com/2018/01/21/d-sebastiao-e-a-batalha-de-alcacer-quibir/> Acesso em 22/11/2022.
5. Carl de Souza. Soldados em uma rua da Rocinha, Rio de Janeiro-RJ. In: MARTÍN, MARÍA. A vida parou na Rocinha, mais um símbolo do colapso do Rio. *El País - Brasil*, 23/09/2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/23/politica/1506196344_760205.html Acesso em 22/22/2022.
6. SALGADO, Sebastião. “Mulher Dinka – Sudão” [2006]. In: *África*. São Paulo: Taschen, 2007.
7. SALGADO, Sebastião. “Mulher Yawanawa – Estado do Acre” [2016]. In: *Amazônia*. São Paulo: Taschen, 2021.
8. SALGADO, Sebastião. “Mulher no Terminal do Tietê – Estado de São Paulo” [1996]. In: *Êxodos*. São Paulo: Taschen, 2000.

